

**Literatura de *Pop-Management*:
a religião do trabalhador pós-moderno**

**Pop-Management Literature:
the religion of post-modern worker**

¹Patricia Zandomenghi Chies
² Silvana Regina Ampessan Marcon

Resumo: Objetiva-se, mediante o presente artigo, realizar uma análise crítica referente à literatura que já recebeu a denominação de *pop-management*, relacionada ao fenômeno da cultura de *management*. Intenta-se fazê-lo mediante uma análise que relaciona a concepção de mundo do homem pós-moderno, especificamente na esfera do trabalho, e o significado subjacente à ampla divulgação, procura e aceitação desta literatura junto ao público. Para isso, dispõe-se de conceitos desenvolvidos pelas ciências antropológica, sociológica e Psicanálise, na tentativa de buscar explicar o fenômeno. Aborda-se o *pop-management* como a religião do século XXI, como recurso do sujeito frente a uma realidade que lhe exige crescentemente a negação do humano que há em si e, conseqüentemente, da possibilidade de falhas e do enfrentamento com a incerteza, construindo a obrigação de uma onipotência mascarada, porque falsa. A era da modernidade tardia – com as exigências que implica ao ser humano – e a literatura *pop-management* são as duas grandes unidades de pesquisa, que são abordadas teoricamente e permitem esboçar a compreensão final de que o homem pós-moderno busca neste tipo de literatura a ilusão da perfeição que lhe é exigida.

Abstract: The aim of this paper is to accomplish a critical analysis about the literature, that has already been named pop-management, that is related the phenomom of management culture. We intent doing so through an analysis the relates the conception world of post-modern mam, especially in his sphere of work , and the meaning behind the wide divulgation, demand and acceptance of this literature next to the public. Therefore, there are concepts developed by anthropological, sociological and psychoanalysis sciences, in an attempt to find explain the phenomenon. The pop-management is approach as the religion of the twenty-first century, as a resource of the subject facing a reality that it requires increasingly the denial of human there themselves and, consequently, the possibility of failure and the confrontation with the uncertainty, building the obligation of a masked might clarify, because it is false. The era of the late-modernity with the demands that entails to the humans – and the pop management literature are the two major units of search, which are discussed theoretically and allow final outline the understanding that the post-modern man seeking in this kind of literature the illusion of perfection that it is required to him.

¹ Bacharel em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), atualmente em formação em Psicanálise pela Constructo (núcleo da Serra). Possui Formação em Terapia Familiar e de Casal pelo Centro de Ensino e Atendimento Familiar (CAIF, Porto Alegre) e MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Contato: pchies@gmail.com

² Orientadora. Professora, Mestre em Administração de Empresas pela UFRGS, Doutora em Psicologia pela UFSC. Contato: sramarco@ucs.br

Palavras-chave: Literatura *pop-management*; valores; pós-modernidade; psicanálise; trabalho.

Keywords: Pop management literature; values; post-modernity; psychoanalysis; work.

Um eu maleável, uma colagem de fragmentos, em incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências – essas são as condições adequadas à experiência de trabalho de curto prazo, a instituições flexíveis e ao constante correr riscos. Mas há pouco espaço para compreender o colapso de uma carreira, se se acredita que toda história de uma vida é uma colagem de fragmentos. Tampouco há qualquer espaço para avaliar a gravidade e a dor do fracasso, se o fracasso é apenas mais um incidente.

Richard Sennet em *A Corrosão do Caráter* (1998)

Considerações Preliminares

A presente pesquisa bibliográfica objetiva investigar a relação do homem pós-moderno³ com a literatura *pop-management*, que é definida por Wood Jr. (2001) como a popularização – a partir das últimas duas décadas do século XX – dos livros e revistas de negócios que oferecem receitas para o sucesso profissional, e que se caracteriza primordialmente pela pretensão de oferecer soluções rápidas e fáceis para todos os males do trabalhador contemporâneo. Tratam-se dos populares livros de “auto-ajuda”. O autor situa a necessidade do homem em buscar tais soluções em algumas peculiaridades da sociedade atual, uma cultura que descreve como a “cultura do *management*”, intimamente vinculada à ideologia do empreendedorismo. Assim, entende que o culto à excelência, que hoje é corrente nas organizações, teria papel preponderante na difusão da literatura *pop-management*, pois forneceria “soluções” para questões prementes que se colocam no dia-a-dia do trabalhador e com as quais ele deve forçosamente lidar.

Para tal objetivo, o embasamento teórico é realizado neste estudo utilizando como recurso entendimentos providos da Sociologia, da Psicanálise e da Antropologia. A base conceitual deste estudo, portanto, encontra-se estruturada da seguinte forma: (1) são apresentados, sob uma perspectiva psicanalítica, entendimentos sobre o significado latente da religião como instituição humana, abordando-a como representação, na adultez, do apego inicialmente efetivado na família; (2) explana-se sobre o constructo da pós-modernidade, focando nas implicações desta no que tange à vida em sociedade, particularmente às relações de trabalho e ao sofrimento psíquico advindo deste; (3) a profusão de literatura de auto-ajuda, na atualidade, é relacionada a uma forma pós-moderna de buscar recursos para lidar com a impotência humana frente aos desafios do mundo; (4) na esfera do trabalho, aborda-se a literatura *pop-management* como a religião do homem na modernidade tardia.

O ser humano é vulnerável e frágil, e toda a sua tentativa ao longo da civilização é de encontrar meios de negar esta consideração e de sentir-se vivo em sua onipotência. Sobre isso, Freud⁴, já escrevia extensamente no início do século XX, apoiado em suas colocações mais tarde por uma série de autores das searas psicanalítica e sociológica, tais como Bowlby

³ A expressão *pós-modernidade* será abordada neste artigo por meio de terminologias diversas, segundo o autor ao qual se estará referindo. Assim, poderão ser encontrados os termos pós-modernidade, pós-contemporaneidade, modernidade tardia ou outros explicitados ao longo do texto.

⁴ Sobre o tema encontram-se escritos do autor nas seguintes obras: 1913-1914/1996, 1927-1931/1996, 1937-1939/1996.

(1989, 1990), Brenner (1987), Beriaín (1996) e Bauman (1996, 1998, 2001), dentre outros que são apresentados ao longo deste ensaio.

Para Freud, e mais tarde para Fromm (1967) e Bowlby (1989,1990), frente a esta impotência primordial, o homem defende-se de modo a sentir-se mais forte e no controle do mundo, sendo que a ciência e a religião podem ser consideradas reflexos destas tentativas de evitar o sofrimento e de sentir-se no domínio da vida. Não apenas mestres da Psicanálise, mas também contemporâneos da Sociologia, como Beriaín (1996) entendem que a religião tem como função dar sentido aos significados paradoxais e contraditórios da experiência humana no mundo.

Se até a modernidade o homem recorria intensamente em Deus para rechaçar sua fragilidade, com o advento desta ele apega-se com mais força ao cientificismo (GIDDENS, 1996, BECK, 1998) e recrudescer a oferta de recursos religiosos (DUARTE & CARVALHO, 2005). Aqui, não mais um ser divino garante sua onipotência e imortalidade, pois o homem confere a si próprio este poder, mediante a racionalidade e o pensamento cartesiano e positivista. Através de sua inteligência, lógica e raciocínio, dá conta de suas coisas e ilude-se em acreditar que pode vencer a impotência e incompletude constitutivas.

Não obstante, a “incompetência” humana neste sentido revela sua face todos os dias, pois a morte, a perda, a doença, a guerra e a fatalidade não podem ser vencidas. Também somos, como humanos, impotentes frente à possibilidade de existência de conflitos de toda ordem, seja na família, na relação conjugal e no mundo, principalmente sob a égide do pós-modernismo, que coloca o ser humano frente a frente com o risco que ele tanto deseja negar e neutralizar (GIDDENS, 1996). Há uma profusão de literatura que pretende nos ensinar a viver, com o objetivo primeiro de evitar o sofrimento e buscar o prazer máximo. Como se isso fosse completamente possível.

Deste modo, a literatura de auto-ajuda⁵, ao lado da cientificidade e da religião, podem ser consideradas instituições humanas criadas para que o homem possa existir evitando confrontar-se com sua incompletude e evitando o sofrimento. Sofrimento este que é necessário e estruturante enquanto aceitação da condição de falhos e “castrados” (QUINET, 1998). Aqui, o termo castração ganha a significação lacaniana, encontrada em Ward (2005) como o representante da Lei enquanto instituição que funda a proibição ao incesto, na idade adulta estendida a outras formas de normas e regras sociais e que têm por base o sentido de que o ser

⁵ Para o criador do termo, a *literatura pop-management* pode ser entendida, na esfera do trabalho, como correlata à literatura de auto-ajuda, pois cumpriria com a mesma função de buscar fórmulas mágicas que auxiliem no enfrentamento do sofrimento humano.

humano é regido por limites que o ascedem à convivência na civilização, constituindo-se como interdito.

No mundo do trabalho a impotência humana se revela, na contemporaneidade, com toda a sua força (SILVA & CRESPO, 2007). Cada vez mais o conceito de competência (DUTRA, 2002, RUANO, 2003) é colocado em voga, e crescentemente o ser humano é exigido em termos de perfeição. Busca-se um “super-homem”, alguém que resuma em si todas as características essenciais que garantiriam o sucesso completo e estrondoso. Busca-se uma pessoa que não erre e que em sua eficiência negue a possibilidade de falha humana (CALDAS & TONELLI, 2002). O próprio homem acredita que alguém, e que ele próprio, possa tornar-se este ser infalível, e que o sucesso será o meio mais fácil de submeter a imprevisibilidade da vida (PAULA & WOOD JR., 2001). O homem, portanto, busca a evitação do sofrimento frente às altas expectativas sobre seu desempenho, seja no trabalho ou na vida.

Entretanto, todos os dias o homem depara-se, também, com a falha, pois é inerente à espécie e exigência ao amadurecimento e desenvolvimento sadios, conforme entende WARD (2005):

Ao crescer, renunciamos a parte do narcisismo. Abrimos mão de certos objetos, crenças e formas de gratificação. A megalomania e as fantasias infantis de auto-suficiência se desfazem. Somos obrigados a perceber que existem outras pessoas no mundo e que nem todas são como eu. (p. 21).

E a falha causa uma ferida narcísica, pois é rechaçada com toda a potência. Daí que o trabalho torna-se fonte de sofrimento (DEJOURS, 2000⁶). E, como fez ao longo da civilização, o homem busca novamente meios de enganar-se e de pensar que este ser humano “super” e “sobre-humano” é possível. De fato, Giddens (1996) escreve sobre esta peculiaridade do homem, esta busca incansável de dominar, de controlar, de subordinar, de adaptar as coisas do mundo às necessidades humanas e de subjugar-las à ordem, em detrimento ao caos.

Portanto, a religião, a ciência e a literatura de auto-ajuda não são mais suficientes nesta era pós-moderna, que em si mesma é sustentada pela manipulação, pelo desejo de controle, de dominação, de direcionamento (GIDDENS, 1996). O homem precisa criar outra forma de manter sua ilusão de onipotência. Assim, cria-se a literatura *pop-management*, que é o foco do presente artigo. Uma literatura que guarda em si as peculiaridades da auto-ajuda pura e simples (PAULA & WOOD JR., 2001), mas que alia a isso fórmulas que pretensamente transformariam o homem comum – que sofre, que tem auto-estima baixa, que se sente peque-

⁶ Artigos mais atuais deste autor tiram o foco apenas do trabalho como fonte de sofrimento, e ampliam para outras searas da vida humana.

no e impotente (BAUMAN, 2001) – no “super-homem” que as empresas buscam na pós-modernidade.

Em razão do acima exposto, empreender-se-á à explicitação dos conceitos base para exposição da idéia central deste ensaio, a saber, a função correlata da literatura *pop-management* e da religião como instrumentos que o ser humano busca para alívio de seu sofrimento.

Base Conceitual

A função da religião como instituição humana

O desenvolvimento humano normal preconiza o estabelecimento de uma relação de apego entre a criança e outro ser humano (BOWLBY, 1988, 1989, 1990; GIDDENS, 1996). Para Bowlby (1988), a referência a uma criança apegada diz respeito a uma forte disposição dela a buscar proximidade e contato com uma figura específica, principalmente quando está assustada, cansada ou doente. Ele enfatiza que essa busca pela proximidade em relação a um indivíduo claramente identificado e considerado mais apto para lidar com o mundo é bastante óbvia quando a pessoa está assustada, fatigada ou doente e tenta-se diminuir seu sofrimento com o conforto e o zelo (1989). Para Giddens (1996), a confiança básica estabelecida pela criança com um adulto é que lhe confere maiores ou menores condições posteriores de lidar com a angústia inerente ao viver. Neste sentido, entende-se que a vinculação com outro ser humano é base e constitutiva no ciclo evolutivo.

Sendo assim, a teoria do apego é pertinente de ser considerada nesta pesquisa bibliográfica como o protótipo da formação da atitude religiosa, no futuro, como afirma Bowlby (1990), que assinala que o comportamento de apego não desaparece com a infância, mas persiste durante a vida inteira:

Durante a adolescência e a vida adulta, uma certa proporção do comportamento de apego é comumente dirigido não só para pessoas fora da família, mas também para outros grupos e instituições (...) Uma escola ou colégio, um grupo de trabalho, um grupo religioso ou político podem passar a constituir para muitas pessoas uma “figura” de apego subordinada e para algumas pessoas até a “figura” de apego principal. (p. 222).

Assim como a política e o envolvimento com instituições, também a religião é considerada, por autores como Freud (1932-1936/1996) e Brenner (1987), como substituto, na adultez, dos padrões de apego. Para o primeiro:

Quando um ser humano se torna adulto (...) ele sabe que, na sua confrontação com o mundo, ainda é uma criança. Mesmo agora, portanto, não pode prescindir da proteção que usufruía na infância. Também reconheceu, desde então, que seu pai é um ser que possui um poder muito limitado e não está dotado de todas as virtudes. Por esse motivo, retorna à imagem mnêmica do pai, a quem, na infância, tanto supervalorizava. Exalta a imagem transformando-a em divindade, e torna-a contemporânea e real. A força afetiva dessa imagem mnêmica e a persistência de sua necessidade de proteção conjuntamente sustentam sua crença em Deus. (pp.159- 60).

Desta forma, Freud faz alusão constante à necessidade do homem, mesmo na adultez, de buscar proteção em algum nível. Em outra obra (1927-1931/1996), o autor delinea sua concepção de que a religião é fruto da necessidade de controle, por parte do ser humano, dos revezes da vida:

(...) as idéias religiosas surgiram da mesma necessidade de que se originaram todas as outras realizações da civilização, ou seja, da necessidade de defesa contra a força esmagadoramente superior da natureza. A isso acrescentou-se um segundo motivo: o impulso a retificar as deficiências da civilização, que se faziam sentir penosamente. (p. 30).

Igualmente, para Brenner (1987), a representação do pai e da proteção necessária ao ser humano pode ser encontrada sob muitas maneiras: “Todo aquele considerado como mais velho e como estando numa posição superior em sabedoria, autoridade e capacidade, inconscientemente pode representar, e representa, um pai” (p. 225). Trata-se da busca, em Deus e na religião, da proteção almejada desde a infância e que não se esgota na vida adulta.

Por outro lado, o homem busca esta proteção desde a infância porque é frágil e é vulnerável em sua condição humana. A falta de controle do homem frente às vicissitudes com que se depara ao longo de sua existência pode conduzi-lo a um pensamento fatalista como defesa (GIDDENS, 1996). Sob os mesmos moldes embasa-se Freud, que coloca que a proteção frente ao desamparo e à fragilidade do indivíduo, bem como a delimitação de proibições, restrições e preceitos, constituem os demais aspectos que tornam a religião uma necessidade humana (1932-1936/1996). Sobre isso, afirma o autor: “É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião” (1927-1931/1996, p. 33). Desta forma, a impotência humana torna a religião uma instituição necessária para alívio de sofrimento.

Entretanto, a acepção mais geral de Freud (1932-1936/1996) a respeito da religião é que essa se constitui numa neurose coletiva, um estágio em direção à maturidade: “(...) O afastamento da religião está fadado a ocorrer com a fatal inevitabilidade de um processo de crescimento”. (1927-1931/1996, p. 52). Da mesma maneira, compreende a religião como um sistema de ilusões baseado em um repúdio à realidade: “A religião é uma ilusão e deriva sua força da sua presteza em ajustar-se aos nossos impulsos instintuais plenos de desejos” (1932-1936/1996, p. 170). Igualmente, Fromm (1967) apresenta a religião como uma satisfação fantasiosa coletiva, utilizada como recurso ante uma sociedade que não permite uma satisfação real. Também para Freud (1927-1931/1996), a religião é imprescindível para a possibilidade de manutenção da sociedade humana, em razão de que considera que o homem, em face da negativa da existência de um Deus todo-poderoso, sentir-se-ia desobrigado a seguir os preceitos da civilização: “A religião, é claro, desempenhou grandes serviços para a civilização humana. Contribuiu muito para domar os instintos sociais”. (p. 50). Tratam-se de concepções que demonstram que a religião pode ser concebida como uma criação humana, um instrumento para lidar com sua angústia existencial.

Sob semelhante perspectiva, Beriaín (1996) também entende que a atitude religiosa teria seu cerne na tentativa humana de assumir um certo controle do indominável, na tentativa de tornar o indeterminado, determinado, e de facilitar a existência do homem enquanto ser falível e incompleto. E a pós-modernidade, com suas peculiaridades, ampliaria as fontes de sofrimento e a busca por alívio, sendo este especificamente o mote do próximo item.

Implicações da modernidade tardia para o ser humano

Inúmeras tentativas têm sido empreendidas no esforço de definir a pós-modernidade e diferenciá-la da modernidade (LEGLER & CAVEDON, 2005). Para os autores, modernidade e pós-modernidade estariam sob a mesma égide, a do sistema capitalista, com a ressalva de que na modernidade os processos visando ao lucro eram mais visíveis e menos omitidos, sendo que na pós-modernidade a negação destes objetivos é corrente. Esconde-se na pós-modernidade, sob o signo do investimento na pessoa do trabalhador, os mesmos objetivos capitalistas, de controle, de exploração, sendo o fim principal o lucro e os resultados. A “(...) lógica predatória desse mercado segue (...) a teoria darwinista da evolução das espécies, na qual os mais fortes e adaptados a um dado ambiente sobrevivem à dramática luta pela vida.”

(SILVA, 2004). Sendo assim, pós-modernidade estaria intimamente relacionada com a busca capitalista de lucro e de resultados.

Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2005), por sua vez, analisam a pós-contemporaneidade sob o signo da subjetividade fragmentada e da superficialidade. As autoras postulam que desde as últimas décadas do século XX o mundo passa por processo de mudança radical, e intelectuais de diversas áreas pretendem estudar as decorrências sociais de tais mudanças geradas pelo processo de globalização. Mortari & Matos (2001), por exemplo, abordam o indeterminismo pós-moderno e as alterações culturais pelas quais a sociedade passa neste século XXI.

Assim como eles, Giddens (1996) também estuda os fenômenos modernos e pós-modernos, e entende as transformações desde a modernidade até a atualidade – que denomina como *modernidade tardia* ou *mundo moderno superior*, termos que se encontram em Bauman (2001) como *segunda-modernidade*, *sobremodernidade* ou *pós-modernidade* – como um contexto que “altera radicalmente la naturaleza de la vida cotidiana y afecta a las dimensiones más íntimas de nuestra experiencia” (p. 33). Segundo este autor, a modernidade tardia oferece ao homem o sofrimento sob a forma do sentimento de perda de valor e da inutilidade da vida. Para Silva (2004) e Bauman (1998), há um mal-estar na pós-modernidade, que se reflete nos comportamentos humanos e na interação social. Em razão disso, há buscas constantes, pelo homem pós-moderno, de recursos que possam amenizar o seu sofrimento.

Sendo assim, a modernidade trouxe consigo uma série de implicações que acarretaram modificações nas formas de relação e de visão de mundo do homem, estendendo-se ao ser humano enquanto trabalhador. E as organizações têm que reajustar-se a realidades que emergem da pós-modernidade (MACAGNAN, 2005). Há um “(...) esfuerzo por exterminar la ambivalência: um esfuerzo por definir precisamente – y por ahogar o eliminar algo que podría o debería ser definido” (BAUMAN, 1996, p. 82). Frente aos ditames da pós-modernidade, o ser humano, portanto, tende a buscar meios de adaptação e utiliza-se de defesas psíquicas para dar conta daquilo que escapa ao seu controle.

Neste sentido, Macagnan (2005) discorre sobre o sistema de administração e de gestão pós-modernos, que se amparam no controle, racionalização crescente e colonização do homem, de seus comportamentos e valores. Isto contribuiu para o aumento das exigências em relação ao trabalhador no mundo pós-moderno, porque para o autor, para controlar, há que delegar; e, por sua vez, para delegar, há que cercar-se de trabalhadores com alto nível de qualidade e confiabilidade. Esta referida necessidade de controlar e de dominar, para Silva

(2004), sempre foi necessária ao homem no convívio selvagem com a natureza, porém mantida na atualidade e transformada naquilo que o autor designa como “(...) a submissão desencantada do homem pós-moderno aos ritmos da produção fordista.” (p.5). O trabalhador, na modernidade tardia, portanto, enfrenta-se com contingências que tornam a vida laboral dificultosa e sofrida.

No mundo organizacional, segundo esta perspectiva, o sofrimento desencadeado pelos valores pós-modernos se mostram incessantemente. Para Silva (2004), o trabalho adquire uma conotação negativa, sendo apenas exercido pelas compensações futuras que encerra: “Em grande parte da sociedade ocidental, o trabalho passou a ser um fardo suportado na medida em que ele podia, num longo percurso de tempo, permitir a realização de determinados desejos” (SILVA, 2004, p.6). Para este autor, tal conceito fomenta os valores pós-modernos no mundo do trabalho, como a postergação do prazer e a autodisciplina, essenciais ao controle do trabalhador e ao uso deste no sistema produtivo social. Cavedon & Lengler (2005) postulam algumas concepções sobre o trabalhador neste novo contexto:

Ausência e fragmentação – binômio inexorável no pós-modernismo – nos dão a fronteira do conceito do trabalhador neste novo contexto: pessoas trabalham em cubículos onde o que importa é o corte de despesas e o conseqüente resultado para a empresa, e não a construção de um espaço para realização pessoal. (p. 51).

Deste modo, a personalidade do homem no trabalho é moldada pela cultura de acordo com as necessidades da sociedade.

Bauman (1996), de fato, compreende que a ótica pós-moderna foca-se sob uma “*misión imposible*” (p. 85) da busca de verdades absolutas, ordem, harmonia e certezas inquestionáveis, buscas que são ilusórias e que acarretam dores narcísicas profundas no homem que vive e trabalha sob estas exigências pautadas sob a perspectiva de “*la dominabilidad total*” (BECK, 1996, p. 201). Paradoxalmente, configura-se um contexto de incertezas que estimulam o consumo da literatura *pop-management*, segundo Paula e Wood Jr.(2001), e de outras fontes de alívio, como a religião e a literatura de auto-ajuda.

Sob semelhante perspectiva, entende-se o sofrimento psíquico gerado no trabalhador pelas novas relações de trabalho. Na década de 80 do século passado, Dejours (2000) já estudava estas questões, assim como Codo (2003). Entende-se que estes novos processos gerados na pós-contemporaneidade têm papel fundamental na relação do homem trabalhador com literaturas que impliquem em fórmulas que garantam alívio deste sofrimento. Cavedon e Lengler (2005) também entendem este aspecto e escrevem sobre a mutilação do “eu” que ocorre nas organizações na contemporaneidade, e que oprime o trabalhador pós-contemporâneo de tal

modo que sua única saída pode ser, efetivamente, a busca pelas ilusões vendidas em massa pela mídia:

(...) a opressão, o poder dos dirigentes organizacionais, sustentado pela coerção de que um desvio de rota pode acabar em demissão, sufoca, anula, repercute ao nível de saúde mental do trabalhador, a submissão mantém o “eu em série estagnado”. (p. 65).

Estes autores supracitados entendem, portanto, que a pós-modernidade no mundo do trabalho trouxe consigo práticas de controle e dominação que, ao contrário do que ocorria na modernidade – onde o latente era assumido –, hoje são mascaradas como instrumentos para garantir eficiência e melhoria dos funcionários. São práticas disfarçadas na organização pós-moderna de trabalho, sob valores como disciplina, cumprimento de metas, resultados, trabalho em equipe e eficiência (SILVA, 2004). Também para Bauman (2001), na era pós-moderna o foco é no resultado, sendo que desejos individuais são desconsiderados. O indivíduo em sua subjetividade fica para segundo plano.

Caldas e Tonelli (2002) corroboram a aceção de que as decorrências da pós-contemporaneidade surgem com total intensidade nas relações de trabalho e no posicionamento do trabalhador frente às exigências atuais:

Independentemente do que sinta, o homem contemporâneo se vê obrigado a apresentar uma imagem positiva, forte, agressiva, de alguém seguro de si, que não necessita dos outros, que segue seguro o seu caminho, aparentemente sem incertezas. Ele tem que ser performático a cada dia. E não importa o seu passado ou seu futuro, ele tem que estar hoje muito bem. (p. 143).

Conforme os mesmos autores, trabalho hoje gera stress e ansiedade, e estes levam à ação – extensamente requerida hoje pelo sistema administrativo –, mas não à reflexão, o que torna o homem vítima de sentimentos que não pode reconhecer em si (como dor, perda, morte, medo, falibilidade). Ainda que de forma autoritária, este enquadramento do homem pós-moderno em searas de domínio e de controle o fazem sentir-se seguro (SILVA, 2004); entretanto, às custas de sofrimento psíquico, e como alternativas frente a este novo desamparo, o presente artigo evidencia que emergem a religião, a literatura de auto-ajuda e, especificamente nas organizações, os modismos gerenciais ou literatura *pop-management*.

A literatura de auto-ajuda como recurso frente aos novos valores da pós-modernidade

Freud afirma em seus escritos que, embora signifique consolo e busca de compensação da falta de satisfação dos desejos humanos e do enfrentamento com o desprazer (1913-1914/1996), a religião não obteve sucesso em garantir a felicidade humana: “Se houvesse conseguido tornar feliz a maioria da humanidade, confortá-la, reconciliá-la com a vida, e transformá-la em veículo de civilização, ninguém sonharia em alterar as condições existentes” (1927-1931/1996, p. 46). Ante essas concepções, o autor (1927-1931/1996) compreende que abandonar a divindade e admitir a origem puramente humana das regulamentações da civilização constituir-se-ia em algo profundamente benéfico. Retomando sua analogia à neurose, entende que a religião se configura em uma fase superável, desde que se renuncie a uma boa parte dos desejos infantis e que se reconheça que grande parcela das próprias expectativas é função de ilusões. Em troca, propõe a primazia do intelecto e da ciência – que não entende como ilusões –, e da capacidade do homem de viver sem elas:

Tenho de contradizê-lo quando prossegue argumentando que os homens são completamente incapazes de passar sem a consolação da ilusão religiosa, que, sem ela, não poderiam suportar as dificuldades da vida e as crueldades da realidade (...) Os que não padecem da neurose talvez não precisem de intoxicante para amortecê-la. Encontrar-se-ão, é verdade, numa situação difícil. Terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente (...) Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer crianças para sempre (...) Podemos chamar isso de “educação para a realidade”. (1927-1931/1996, p. 57).

Considerando estes preceitos, poder-se-ia dizer que o homem pós-moderno, racional e científico (BECK, 1996), conseguiu, neste sentido, superar o infantilismo⁷. Porém, esta pesquisa visa a refletir sobre exatamente o oposto. A literatura de auto-ajuda e a literatura *pop-management* estariam provando, com suas fórmulas, garantias e gurus, que o homem ainda precisa de um novo pai, ainda que mascare esta busca mediante uma pretensa onipotência e total domínio das situações, seja no trabalho ou na sociedade de modo geral.

De fato, Demo (2005) compreende que a literatura de auto-ajuda, de modo geral, nada mais é do que efetivamente escape e fuga por parte do ser humano de uma realidade que lhe tolhe e que lhe faz sofrer: “Ao fundo, a auto-ajuda é a transudação natural de um ser extremamente frágil, que não dá conta de si mesmo, precisa de transcendência e tende a colocar seu destino em mãos que considera superiores”. (DEMO, 2005, p. 9). De outro modo, Duarte e Carvalho (2005) entendem a auto-ajuda e os recursos esotéricos como “psicologismos” que

⁷ Termo extensamente referido por Freud quando aborda a religião como neurose coletiva e algo a ser superado ao longo do desenvolvimento do homem, na direção de um funcionamento baseado primordialmente na adaptação à realidade.

cumpririam com a função de acalmar as angústias do homem atual, além de torná-lo livre e dono de si pelo livre arbítrio. Paula e Wood Jr. (2001) empreendem, também, a uma aproximação entre a literatura de auto-ajuda e alguns livros de gestão. Assim, para estes autores, seja a auto-ajuda, seja a religiosidade, seja a literatura *pop-management*, tratam-se todos de recursos humanos para lidar com a fragilidade.

Este contexto acaba por levar a uma interação entre os mundos da religiosidade e do trabalho, na denominada “espiritualidade no contexto de trabalho” (SIQUEIRA, 2005). O autor compreende que esta aproximação preencheria lacunas deixadas por ambas as esferas da vida humana, ocupadas, então, por gurus, técnicas alternativas e programas gerenciais de conforto, sendo que estas fomentam valores pós-modernos úteis ao mundo do trabalho, como auto-aperfeiçoamento, auto-desenvolvimento e auto-crescimento.

Na linha de pensamento que vincula o sofrimento humano no trabalho aos valores pós-modernos, Bauman (2001) entende a sociedade do século XXI como protótipo da “modernização”, numa busca obsessiva e irrefreável de desmantelar, cortar, reduzir, em nome da competitividade e da produtividade, gerando insegurança e dor, assim como a necessidade de apegar-se a algo que supra o vazio deixado pelos líderes. Isso porque o autor entende que na pós-contemporaneidade não há líderes reais, mas apenas seres isolados auto-obervando-se,

(...) na esperança de encontrar algo de útil para você mesmo: um exemplo a imitar ou uma palavra de conselho sobre como lidar com seus problemas, que, como os deles, devem ser enfrentados individualmente e só podem ser enfrentados individualmente. Não mais grandes líderes para lhe dizer o que fazer e para aliviá-lo da responsabilidade pela consequência de seus atos; no mundo dos indivíduos há apenas outros indivíduos cujo exemplo seguir na condução das tarefas da própria vida, assumindo toda a responsabilidade pelas consequências de ter investido a confiança nesse e não em qualquer outro exemplo. (p. 38).

Paula e Wood Jr. (2001), citando Tragtenberg (1980), preconizam que em um momento onde se declina a noção de sujeito e fragmentam-se as identidades, constrói-se espaço para a proliferação de literaturas do estilo de manual de sucessos e de auto-ajuda. É especificamente sobre este viés que o presente artigo intenta entender o fenômeno de procura pela literatura *pop-management* como a busca incessante do ser humano por algo que o acalente: na pós-modernidade, a literatura de auto-ajuda, seja na vida ou nos negócios.

Para isso, no próximo item abordar-se-á a busca pela literatura *pop-management* como correlata à busca pela religião, ambas visando ao alívio de sofrimento e ao conforto psíquico.

A literatura *pop-management*: a religião do trabalhador pós-moderno

Conforme vem sendo exposto ao longo deste estudo, os valores do homem pós-moderno, ainda que amparados no racionalismo e no cientificismo (MACAGNAN, 2005), não bastam para excluir a necessidade de segurança e de proteção do ser humano. Demo (2005) explicita este pensamento, referindo-se ao indivíduo:

Por mais que desenvolva consciência crítica, não pode desfazer-se de sua base emocional profunda, onde elabora religiões, sentidos, esperanças, desejos, pretensões, crenças e credices, sobre os quais tem muito pouco controle. (p. 14).

O autor define, ainda, que a ciência pouco pode satisfazer no humano esta ânsia por buscar amparo e por crer, e é em razão disso que, não obstante as descobertas científicas e a convocação ao pragmatismo, o sujeito é preza fácil de literaturas que lhe forneçam garantias, ainda que ilusórias. Beriain (1996), no mesmo sentido, afirma que “El dominio racional del mundo, como la expresión más radical de la ansiedad humana frente al ‘absolutismo de la realidad’, produce un *nuevo destino* no ya natural, sino culturalmente producido.” (p. 23). O autor exprime que o domínio intelectual não pode dar conta do indeterminado, o que gera angústia ao homem e a busca por formas de garantir pseudo-determinações. A religião seria uma delas. Ao que interessa a esta pesquisa bibliográfica, a busca pelas literaturas de auto-ajuda, seja genericamente ou no mundo dos negócios, não passa de revisitações destas tentativas.

Já segundo Freud, o funcionamento do aparelho psíquico do ser humano é que o torna presa fácil das ilusões, pois ele busca incessantemente, desde o nascimento, a extinção do desprazer e é movido por buscar a felicidade plena, aquela que o afasta de qualquer tipo de sofrimento (FREUD, 1937-1939/1996). Trata-se do princípio de prazer, postulado por Freud e conceitualizado por Laplanche & Pontalis (2001) como “Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer”. (p. 364). O mesmo funcionamento preconiza Bauman (2001), quando o autor remete ao homem da pós-modernidade, que busca satisfação imediata, sem conseqüências e que acaba por não se satisfazer e permanecer na busca das receitas de vida. Desta forma, o imediatismo pós-moderno acaba por refletir nas ações e na subjetividade humana.

Ainda que o ser humano encontre na racionalização e na cientificidade explicações alentadoras, sua angústia primordial não retrocede, como explica Freud (1927-1931/1996),

referindo-se às teorizações sobre as forças da natureza e, com isso, a falsa noção de controle e onipotência:

O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (p. 26).

E é sob esta perspectiva que se baseia este ensaio: que muito embora o homem pós-moderno intente gabar-se pela racionalidade, pelo método e pela obtenção de resultados – valores descritos por Paula e Wood Jr. (2002) como específicos à cultura *management* e seus cultos à excelência e ao empreendedorismo –, esta vulnerabilidade intrínseca postulada por Freud não se exige. Pelo contrário, ela é reforçada na medida em que, não obstante a negação da incompletude humana, o ser humano depara-se com os limites do mundo diariamente. E, sendo a religião, nesta concepção atual, uma busca de um homem “fraco” ou “doutrinado”, “fanático”, o *pop-management* se coloca exatamente como um véu, que esconde a impotência e a vulnerabilidade, ainda que deixe antever nas entrelinhas que a finalidade é a mesma. Que seja, buscar fórmulas que digam como viver segundo um princípio do prazer, que nega as falhas, os limites, a castração, enfim. Que demarca o território da possibilidade segundo a força da vontade, desta feita mediante o disfarce da cientificidade e do discurso pós-moderno e reducionista simbolizado pelas competências (SILVA, 2004). A racionalidade enquanto encobridora da subjetividade, portanto, pode ser pensada como geradora de sofrimento psíquico.

Esta pretensa racionalidade pós-moderna é criticada por Caldas e Tonelli (2002), que a entendem como, em realidade, um mito pós-moderno, e que a subjetividade e as decisões irracionais é que efetivamente dominam os processos nos ambientes burocráticos das organizações. Entendem, ainda, que no grupo as pessoas perdem mais facilmente sua capacidade crítica (CALDAS & TONELLI, 2002), o que explicaria – conjuntamente com o sofrimento psíquico e a busca humana da evitação do sofrimento – a ampla aceitação dos modismos gerenciais ou da literatura *pop-management*. Morin e Le Moigne (2000), do mesmo modo, compreendem a sociedade atual como postulante da negação do direito à reflexão e à crítica individuais, o que cria ambiente propício para a profusão de panacéias e fórmulas fáceis e mágicas para lidar com o mundo e com os obstáculos que este oferece. Está preparado o caminho para a busca por literaturas que ensinem a viver sem tanto sofrimento.

De fato, os fenômenos descritos pela literatura *pop-management* pretendem, em suas bases, oferecer um novo código de conduta, código esse que, segundo Paula e Wood Jr. (2002), “(...) visa à eficiência e o sucesso e molda a linguagem e as atividades dos indivíduos e das organizações” (p. 1) e tem, para os mesmos autores, o objetivo primordial de elevar os níveis de produtividade nas organizações. Segundo eles, atinge estes objetivos mediante uma linguagem prescritiva, em tom imperativo e anunciando o novo e imperdível.

A literatura de auto-ajuda transferida para o mundo dos negócios, neste ensaio, é entendida como cumprindo exatamente com essa missão de garantir a eficiência e a onipotência humanas. É o que Wood Jr. (2001, 2002) preconiza em seus estudos sobre o voluptuoso sucesso da literatura de *pop-management*. Além deste autor, Caldas e Tonelli (2002) igualmente abordam aquele que denominam como “homem-camaleão”, necessário a um estilo contemporâneo de organização que muda obsessivamente e que gera, por parte do trabalhador a fim de munir-se das competências necessárias, a busca por modismos gerenciais e panacéias, representadas nesta pesquisa pela literatura *pop management* de Wood Jr.: “O homem-camaleão tende a ser mais submisso, sempre experimentando novidades e técnicas da moda, integral e ansiosamente, na tentativa de lidar com a incerteza à sua volta e de responder à ansiedade que o domina”. (CALDAS & TONELLI, 2002, p. 132). Trata-se do homem que busca fórmulas mágicas e exemplos perfeitos de sucesso assim como faz compras insaciavelmente (BAUMAN, 2001). Não obstante os vieses tomados, os autores exprimem a idéia de que o mundo dos negócios tal como hoje se apresenta também tem seu papel na caracterização do homem pós-moderno.

As novas práticas atuais norteadas por estes descritos valores pós-modernos exigem, para Velho (1997), além de novos posicionamentos, uma nova linguagem religiosa, que signifique este mundo, porém buscando mais além da salvação. O autor afirma que há uma mudança nas funções da religião. Também Macagnan (2005) entende que o pós-modernismo implica em uma transferência das funções da religião e de Deus para o mundo dos negócios com a mesma pretensão de proteção e de amparo:

Deus desaparece para dar lugar ao triunfo do espírito, da liderança da ação e do progresso técnico. Tudo o que é apresentado, em princípio, deve ser questionado para um saber mais. A demonstração de cientificidade passa a validar as decisões que se estabelecem em diferentes espaços sociais. (p. 15).

Também para Giddens (1996), a modernidade superior trouxe consigo mudanças que influenciam extensamente as relações sociais, grandemente influenciadas pelas possibilidade da mídia impressa e eletrônica, o que facilitaria o acesso do indivíduo à literaturas que

cumpram a função e preencham espaços deixados pela religião e que devem ser preenchidos por meios que o homem pós-moderno, eficiente e racional aceite ilusoriamente como poder, e não como atestado de fragilidade. De fato, o autor considera que o homem pós-moderno organiza sua vida de tal forma que sua autoidentidade é determinada pela pretensão de que o conhecimento especializado e a minimização dos riscos pela eficiência humana sejam suficientes para lidar com a sua angústia. Entretanto, evidencia-se que a angústia segue transbordando e que o homem segue buscando conforto e consolo ao longo de sua existência.

Frente a estas questões, emerge no mundo do trabalho pós-moderno a figura do guru, com o “discurso mestre da correção” (PAULA & WOOD JR., 2002), alguém com excelente reputação que afirma categoricamente um modo certo e determinado de fazer as coisas, auxiliando ao homem em sua caminhada exercendo a função paterna.

Esta necessidade de um ser considerado superior que guie e oriente os caminhos do homem não é novidade. Tem suas origens ainda na infância, conforme exposto e, na adultez, é transferida para outros domínios. Podemos valer do próprio Freud (1927-1931/1996) para transferir as concepções de negação do desamparo humano a outras searas que não a religião:

Tendo identificado as doutrinas religiosas como ilusões, somos imediatamente defrontados por outra questão: não poderão ser de natureza semelhante outros predicados culturais de que fazemos alta opinião e pelos quais deixamos nossas vidas serem governadas? (p. 43).

O desejo de apostar o sucesso humano na figura de um “guru” – atualmente o “guru dos negócios” – encontra-se dinamicamente entendido por Freud, ainda entre 1927 e 1931, quando este escreve sobre a concepção humana de mundo, especificamente no tocante a sua atitude religiosa:

Tudo o que acontece neste mundo constitui expressão das intenções de uma inteligência superior para conosco, inteligência que, ao final, embora seus caminhos e desvios sejam difíceis de acompanhar, ordena tudo para o melhor – isto é, torna-o desfrutável por nós. Sobre cada um de nós vela uma Providência benevolente que só aparentemente é severa (exigente, como é a sociedade pós-contemporânea) e que não permitirá que nos tornemos um juguete das forças poderosas e impiedosas da natureza. (p. 28).

Freud, ainda, relaciona a busca por este ser que garantiria segurança e felicidade supremas na adultez com a busca pelo pai perdido da infância, e que geraria outras buscas ao longo da vida. Neste artigo, demonstra-se que a literatura *pop-management* cumpriria com a mesma função; contudo, na vida organizacional:

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a estes poderes as características pertencentes à figura do pai; cria a si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as conseqüências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião. (1927-1931/1996, p. 33).

A figura do “herói” é identificada por Paula e Wood Jr. (2001) como personificada exatamente pelo guru, um empreendedor fantástico capaz de tudo.

Trata-se daquilo que Bauman (2001) define como a solidão irremível do homem, e que deve ser enfrentada solitariamente, ainda que ele busque recursos para iludir-se de que está no controle e de que não está realmente sozinho.

Considerações Finais

Ainda que o pesquisador, como ser humano, encontre-se imerso e identificado com a cultura pós-contemporânea, por ser parte dela (ROMÃO-DIAS & NICOLACI-DA-COSTA, 2005), e que a crítica à modernidade vá de encontro às ciências sociais, que costumam ser cativas das ideologias da modernidade (VELHO, 1997), este estudo pretendeu refletir sobre a profusão da literatura *pop-management* na atualidade. Para isso, além de autores renomados das ciências antropológica e sociológica, valeu-se de conceitos psicanalíticos. Do mesmo modo que Caldas & Tonelli (2002), objetivou-se analisar o mundo do trabalho sob um prisma diferenciado daquele sob o qual é abordado geralmente. Um prisma que considera aspectos inconscientes – e indomináveis – pelo ser humano, tendo em vista que estes autores concebem que “A dimensão do inconsciente está sabidamente presente nas relações entre os indivíduos e a organização” (p. 145). O nível inconsciente, neste sentido, não deve ser desconsiderado, pois é parte do homem.

A utilização da Psicanálise como mentora do entendimento do fenômeno *pop-management* também pode ser justificada pelas idéias de Mendes (2002), que entende que esta ciência pode ser útil ao entendimento das dinâmicas que subjazem às organizações, “a relação simbólica indivíduo-trabalho-organização e a dinâmica em que este objeto está inserido” (p.2). Segundo a mesma autora, busca-se a objetividade necessária à ciência, porém sem desconsiderar o lugar da dúvida, do incerto, do inconsciente.

Muito embora a importância do trabalho na pós-contemporaneidade, segundo Beck (1998), não tenha comparação na História, os efeitos benéficos a ele atribuídos o foram na tentativa de controlar e dominar, a fim de tornar previsível aquilo que é indeterminado (BAUMAN, 2001). Em razão disso, muito se ignorou o sofrimento provocado por ele.

Deste modo, a importância desta escuta organizacional que privilegie o subjetivo é postulada por Oliva et. al (2006), que coloca que o cientificismo e a busca por objetividade, primordialmente a partir da metade do século XX, levaram a que se ignorassem as emoções e sentimentos do homem, muito embora estes autores entendam como ingênuo considerar que seja possível pensar o homem ao largo de seu mundo interno.

Contudo, como Freud já preconizava (1927-1931/1996), outros ideais culturais indiscutivelmente aceitos e que se propõem a dar conta da não aceitação da humanidade de sua vulnerabilidade e da sua impotência surgem ao longo do tempo, e neste estudo se propõe que a literatura *pop-management* dê conta do homem em suas deficiências em um mundo do trabalho cada vez mais onipotente em sua visão antropocêntrica. Nas palavras de Fromm, 1960, citado por Bauman (2001):

Quando cada indivíduo deve ir em frente e tentar sua sorte, quando ele tem que nadar ou afundar – a busca compulsiva da certeza se instala, começa a desesperar-se a busca por soluções capazes de eliminar a consciência da dúvida – o que quer que prometa assumir a responsabilidade pela certeza é bem-vindo. (p. 28).

Este estudo não se esgota em si mesmo. Por ter a qualidade de ensaio, poderá abrir espaço para pesquisas de campo que intentem analisar *in locu* as tendências e dinâmicas aqui descritas, dirigindo uma escuta e um olhar diferentes ao homem de negócios aparentemente seguro e autoconfiante, mas que não hesita em buscar na literatura *pop-management* o amparo que todo ser humano necessita frente a sua condição de falho e frágil diante da natureza e do ambiente onde se encontra inserido.

REFERÊNCIAS

BERIAIN, Jostxo (Comp.) **Las consecuencias perversas de la modernidad**: modernidad, contingência y riesgo. Barcelona: Anthropos, 1996. 283p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad y ambivalência**. In: Beriain, Jostxo (Comp.). *Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingência y riesgo*. Barcelona: Anthropos, 1996. 283p. p. 73-119.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 270p.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258p.

BECK, Ulrich. **Teoria de la sociedad del riesgo.** In: Beriain, Josetxo (Comp.). Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingência y riesgo. Barcelona: Anthropos, 1996. p. 201-222.

_____. **La sociedad del riesgo: Hacia una nueva modernidad.** 1.ed. Barcelona: Paidós Básica, 1998. 304p.

BOWLBY, John. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 170p.

_____. **Apego: a natureza do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1990. 493p.

_____. **Cuidados maternos e saúde mental.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. 225p.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica.** São Paulo: Imago editora, 1987. 260p.

CALDAS, Miguel Pinto, TONELLI, Maria José. **O homem-camaleão e modismos gerenciais: uma discussão sociopsicanalítica do comportamento modal nas organizações.** In: Freitas, Maria Ester. Motta, Fernando C. Prestes (Org.). Vida psíquica e organização. 2.ed. Rio de Janeiro, FGV, 2002. 150p.

CAVEDON, Neusa Rolita, LENGLER, Jorge Francisco Bertinetti. **Desconstruindo temas e estratégias da administração moderna: uma leitura pós-moderna do mundo de Dilbert.** In: Cavedon, Neusa Rolita, Lengler, Jorge Francisco Bertinetti. Pós-modernidade e etnografia nas organizações. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. 195p.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** 5.ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2000. 168p.

DEMO, Pedro. **Auto-ajuda: uma sociologia da ingenuidade como condição humana.** Petrópolis: Vozes, 2005. 128p.

DUARTE, Luiz F. D., CARVALHO, Emilio N. de. Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas Weltanschauungen. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.48, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012005000200002&script=sci_arttext&tlng=Revista%20de%20Antropologia>. Acesso em 06 set. 2007.

DUTRA, Joel Souza (Org.). **Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas.** 2.ed. São Paulo: Gente, 2001. 118p.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. **Totem e tabu e outros trabalhos.** v. XIII (1913-1914). Rio de Janeiro/Brasil: Imago Editora, 1996. 277p.

_____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. **O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos**. v. XXI (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. 299p.

_____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos**. v. XXII (1932-1936). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. 162p.

_____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. **Moisés e o Monoteísmo, esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. v. XXIII (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. 351p.

FROMM, Erich. **O dogma de Cristo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. 159p.

_____. FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. 13.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 235 p.

GIDDENS, Anthony. **Modernidad y autoidentidad**. In: Beriain, Jostexo (Comp.). Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingência y riesgo. Barcelona: Anthropos, 1996. 283p. p. 33-71.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de artigos científicos**. São Paulo: Avercamp Editora, 2004. 86p.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa, CODO, Wanderley. **Saúde mental & trabalho: leituras**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 420p.

LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, Jean-Bertand, LAGACHE, Daniel. **Vocabulário da psicanálise**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552p.

MACAGNAN, Cléa Beatriz. **Pós-Modernidade e as organizações empresariais contemporâneas**. In: Cavedon, Neusa Rolita, Lengler, Jorge Francisco Bertinetti. Pós-modernidade e etnografia nas organizações. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. 195p.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.7, n. spe., 2002. Disponível: <<http://www.doaj.org/doaj?func=abstract&id=39922>>. Acesso em: 15 out. 2007.

MORIN, Edgar, LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000. 263p.

MORTARI, Elisangela Carlosso Machado, MATOS, Ronize Aline de. O estranhamento cultural: a experiência cultural e a virtualidade. In: XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação

do INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares e da Comunicação, 2001, Campo Grande – MS. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/4715?mode=simple>>. Acesso em: 06 nov. 2007.

OLIVA, Ângela Donato, OTTA, Emma et. al. Razão, emoção e ação em cena: a mente humana sob um olhar evolucionista. **Psic.: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 1, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722006000100007&script=sci_pdf&tlng=pt> Acesso em 16 out. 2007.

PAULA, Ana Paula Paes de, WOOD JR, Thomaz. **Pop-management: pesquisa sobre as revistas populares de gestão no Brasil**. In: ENANPAD, 2002. ANAIS DO ENANPAD, 2002. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod_edicao_subsecao=49&cod_evento_edicao=6&cod_edicao_trabalho=2773>. Acesso em: 06 set. 2007.

_____. *Pop-management*. **Revista Ciência Empresarial**, Curitiba, v. 2, p. 17-34, 2001.

QUINET, Antonio. **As 4 + 1 condições da análise**. 7 ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 115p.

ROMÃO-DIAS, Daniela, NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. “Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais”: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 1, n. 25, 70-87, 2005.

RUANO, Alessandra Maryinewski. **Gestão por competências: uma perspectiva para a consolidação da gestão estratégica de recursos humanos**. São Paulo: ABRH - Nacional, 2003. 77p.

SILVA, Marco Roxo da. **Nunca subestime uma idéia radical ou O homem obsessivo capitalista pós-moderno**. In: X Simpósio de pesquisa em comunicação da região sudeste – SIPEC do INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares e da Comunicação, 7-8 dez. 2004, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/19630>>. Acesso em 16 out. 2007.

SILVA, Patrícia Costa da, MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Prazer e sofrimento de psicólogos no trabalho em empresas privadas. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 1, n. 27, 132-147, 2007.

VELHO, Otávio. Globalização: Antropologia e religião. **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n. 1, abril/1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493131997000100005&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em 10 out. 2007.

WARD, Ivan. **Castração**. RJ: Relume Dumará: Ediouro, 2005. 80p.